

Da Instituição Para o Palco

- criação musical coletiva como prática de inclusão e educação artística

PAULO JACOB

paulo.jacob@apc-coimbra.pt

Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra

Resumo

Este artigo desenvolve uma reflexão crítica sobre práticas de intervenção musical com pessoas com deficiência em contextos de criação artística coletiva, analisando o seu contributo enquanto dispositivos de participação cultural, agência social e educação artística inclusiva. Partindo da experiência profissional em projetos de música inclusiva, examina-se o potencial das práticas musicais colaborativas na reconfiguração de papéis sociais e culturais associados à deficiência. Sustentado numa abordagem qualitativa, baseada na narrativa profissional e na análise reflexiva da prática, o artigo explora processos de criação musical coletiva, dinâmicas colaborativas, estratégias de mediação artística e modos de participação ativa. Enquadrado na literatura sobre práticas artísticas inclusivas e participação cultural, o artigo discute a criação coletiva enquanto dispositivo relacional que promove não apenas o acesso à prática artística, mas a participação efetiva nos processos de decisão, criação e performance. Analisa-se ainda a deslocação simbólica “da instituição para o palco” enquanto processo de reposicionamento social e cultural, potenciador de visibilidade artística, agência criativa e cidadania cultural. Conclui-se sublinhando o contributo das práticas musicais colaborativas para a construção de contextos artísticos e educativos mais participativos, plurais e inclusivos.

Palavras-chave:

Inclusão, Educação Artística, Criação Musical Coletiva, Participação Cultural, Deficiência

Abstract

This article develops a critical reflection on music intervention practices with people with disabilities in contexts of collective artistic creation, analysing their contribution as devices for cultural participation, social agency and inclusive arts education. Drawing on professional experience in inclusive music projects, the study examines the potential of collaborative musical practices in reshaping social and cultural roles associated with disability. Grounded in a qualitative approach, based on professional narrative and reflective practice analysis, the study explores collective music creation processes, collaborative group dynamics, artistic mediation strategies and modes of active participation. Framed within the literature on inclusive artistic practices and cultural participation, the article discusses collective creation as a relational device that promotes not only access to artistic practice, but effective participation in decision-making, creative and performance processes. The article further analyses the symbolic shift “from the institution to the stage” as a process of social and cultural repositioning, enhancing artistic visibility, creative agency and cultural citizenship. It concludes by highlighting the contribution of collaborative musical practices to the development of more participatory, plural and inclusive educational contexts.

Key concepts:

Inclusion, Artistic Education, Collective Musical Creation, Cultural Participation, Disabilit

1. Introdução

A música constitui uma das formas mais universais de expressão humana, com impactos reconhecidos no bem-estar, na regulação emocional e na construção de identidades. Surge, assim, como recurso estratégico para intervenções artísticas e sociais, particularmente em contextos de desigualdade cultural e social. Para além dos seus efeitos referidos na literatura (Wright et al., 2022; Chanda & Levitin, 2013; Ferreri et al., 2019; Reybrouck et al., 2021; Eitan & Granot, 2006, Gordon et al., 2018; Zatorre et al., 2007; Zhou et al., 2021; Juslin, 2016; Thompson & Quinto, 2012), a música desempenha funções pessoais e sociais variadas, da regulação individual à criação de significados coletivos (Clayton, 2016; Merriam, 1964). Contudo, as pessoas com deficiência continuam a enfrentar barreiras significativas, tanto enquanto público como enquanto criadores.

Em Portugal, as Instituições Particulares de Solidariedade Social têm funcionado, desde 1974, como espaços estratégicos de intervenção musical junto de pessoas com deficiência, reconhecendo a música como ferramenta de promoção da qualidade de vida, bem-estar e inclusão social. No território continental e nos arquipélagos, diversas instituições criaram atividades, serviços ou departamentos de intervenção artística para responder às necessidades dos seus utentes. Atualmente, existem numerosos projetos artísticos que articulam educação, prática musical e inclusão e se desenvolvem em contextos variados - desde apresentações institucionais e comunitárias até festivais e salas de espetáculo - consolidando trajetórias centradas na criação musical coletiva, de que são disso exemplo iniciativas como: a OCPSolidária (Notas de Contacto, Fundação C. Gulbenkian, 2018); o grupo *Os Curiosos* (C.R.I.D.); o coletivo *Cremalheira do Apocalipse* (in Público, 2025) e oitenta iniciativas sinalizadas no estudo e mapeamento da Prática Musical Inclusiva em Portugal (Lopes, S.V., DGArtes, 2026), divididas em três grupos: *projetos emergentes* (19); *projetos consolidados* (60) e *iniciativas municipais* (1). O trabalho com coletivos reforça a importância da música enquanto espaço de expressão (Tarr et al., 2014), de comunicação (Novakos, 2025) e de afirmação identitária (Hargreaves et al., 2002; Snow, D. & Corrigan-Brown, C., 2015). A prática musical grupal pode favorecer as relações interpessoais (Jones, 2020; Freer, 2023, *cit. in* Novakos, 2025), reforçar a aquisição de competências e conteúdos musicais, as competências expressivas (Hallam, S., 2010) e o reconhecimento dos participantes enquanto criadores e agentes culturais (Žuk, M., 2020). Experiências em diferentes

contextos demonstram, segundo Sabbatella (2012), Gil (2000) e Teixeira et al. (2003), a importância de adaptar os recursos de participação às características individuais (*e.g.*: adaptação ou alteração de instrumentos/recursos musicais às capacidades funcionais dos indivíduos), valorizando identidades pessoais (*e.g.*: história e experiências de vida, motivações, valores...), sociais (*e.g.*: sentimento de pertença a grupos/categorias sociais...) e musicais (*e.g.*: preferências musicais/sonoras). Momentos como a recolha de referências sonoras individuais, a criação coletiva de produtos musicais e a participação em apresentações públicas são centrais na construção de percursos artísticos e identitários.

A exploração da relação entre música, tecnologia e identidade sonoro-musical (Benenson, 1985; Altshuler, 1944) possibilita a criação de contextos de participação ajustados a situações neuromotoras e comunicacionais específicas. Paralelamente, a dimensão performativa da criação musical coletiva reforça a presença artística pública como espaço de visibilidade cultural, reconhecimento social e reposicionamento simbólico dos participantes. A transição do espaço institucional para o palco público simboliza uma transformação social e cultural: os participantes deixam de ser apenas destinatários de intervenção para se afirmarem como criadores, intérpretes e agentes culturais. Deste modo, a prática artística coletiva surge como espaço de aprendizagem, expressão, participação cultural e exercício de cidadania.

A experiência profissional, desenvolvida no presente trabalho, sugere que a educação artística inclusiva pode desempenhar um papel central na construção de contextos culturais mais acessíveis, participativos e representativos da diversidade humana.

2. Dois Dispositivos Artísticos de Criação Inclusiva

A minha experiência profissional desenvolvida no âmbito da criação musical com pessoas com deficiência permitiu a construção progressiva de diferentes dispositivos artísticos centrados na participação ativa, na criação coletiva e na expressão artística dos participantes. Este percurso resultou da necessidade de ultrapassar modelos de intervenção exclusivamente centrados na ocupação ou na estimulação funcional, procurando construir contextos de participação musical com significado pessoal, cultural e social. Neste contexto, o desenvolvimento de projetos artísticos coletivos revelou-se fundamental na construção de percursos de participação cultural sustentada. A prática musical coletiva passou a assumir-se não apenas como atividade expressiva, mas como espaço de criação artística, construção identitária e presença cultural pública. A criação de contextos onde os participantes pudessem assumir o papel de criadores e

intérpretes tornou-se um elemento estruturante do trabalho desenvolvido. Ao longo deste percurso, foram-se consolidando diferentes abordagens à criação musical inclusiva, materializadas em coletivos musicais com identidades próprias, mas assentes em princípios comuns.

Um dos projetos desenvolvidos na A.P.C.C. é o caso dos *Ligados às Máquinas*¹, um coletivo musical iniciado em 2012 e constituído por utentes da mesma instituição (9 utentes com alterações neuromotoras graves²) que articula as tecnologias da informação e comunicação, identidade e criação musical. A experiência desenvolvida com o coletivo *Ligados às Máquinas* permite explorar a relação entre música, tecnologia e identidade sonora, criando contextos de participação ajustados - com recurso a soluções funcionais de baixa e alta tecnologia (Schumacher, 1973; BrutPop, 2022;) - a participantes com alterações neuromotoras graves.

Outro coletivo criado na mesma associação é o grupo musical *5ª Punkada*³, constituído por 4 utentes (2 casos com paralisia cerebral e 2 com deficiência intelectual). Nasceu há 32 anos sob a orientação do musicoterapeuta Francisco Sousa (Swingler, 1998). Paralelamente ao coletivo *Ligados às Máquinas*, o trabalho desenvolvido nos *5ª Punkada* reforça a importância da dimensão performativa e estética da criação musical coletiva, afirmando o palco enquanto espaço de visibilidade artística e reconhecimento cultural.

Apesar das especificidades metodológicas⁴, estéticas e estilísticas⁵ de cada coletivo, ambos partilham princípios estruturantes, relacionados com a valorização da criação grupal, a centralidade da participação ativa dos participantes e a afirmação da prática artística enquanto espaço de construção identitária e de participação. Neste sentido, os dois coletivos podem ser

¹ <https://www.publico.pt/2024/12/06/culturaipilon/video/orquestra-samples-ligados-maquinas-estreiase-disco-amor-dimensional-20241206-090800>

<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/6SjtsktNHm1282Bkb71ORl>

<https://www.rimasebatidas.pt/ligados-as-maquinas-todos-os-elementos-participam-no-processo-de-criacao-musical-e-participativo-em-todas-as-fases/>

² paralisia cerebral (7); patologias neurodegenerativas (2)

³ https://www.youtube.com/watch?v=Wk6eSDY_neI

<https://www.youtube.com/watch?v=udSkMqI1mSs>

<https://www.publico.pt/2022/04/11/p3/video/punks-nao-historia-superacao-amor-musica-5-punkada-20220411-101655>

<https://5punkada.bandcamp.com/album/somos-punks-ou-n-o>

⁴ Nos *Ligados às Máquinas*, a prática integra mediação tecnológica, personalização de interfaces e criação sonora baseada em *sampling*, promovendo participação ajustada às capacidades dos participantes. Na *5ª Punkada*, privilegia-se a dimensão expressiva e performativa, com adaptação de instrumentos convencionais e utilização de interfaces como o Soundbeam.

⁵ Os *Ligados às Máquinas* desenvolvem uma estética assente na diversidade, experimentalismo e inclusão, aproximando-se do campo da *world music*. Já a *5ª Punkada* constrói a sua identidade musical a partir da expressividade performativa, da repetição e de referências à música popular e ao rock.

compreendidos como dispositivos complementares no desenvolvimento de práticas de educação artística inclusiva, contribuindo para a construção de contextos culturais mais acessíveis e participativos.

2.1. - *Ligados às Máquinas* - Tecnologia, Identidade, Criação Musical e Enquadramento Concetual.

Os *Ligados às Máquinas* são um coletivo musical constituído por utentes da Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra que articula tecnologias da informação e comunicação, identidade e criação musical. A sua produção sonora é baseada no processo de amostragem, combinando fragmentos sonoros (vulgo amostras musicais ou *samples*) provenientes de diferentes suportes e fontes, selecionados individualmente pelos participantes, de acordo com o seu significado pessoal. A participação musical é possibilitada através da utilização de controladores personalizados, ajustados às capacidades funcionais motoras de cada elemento, permitindo ativar sons previamente definidos em ambiente digital e viabilizando a criação musical coletiva. O conceito de “tecnologia apropriada”, desenvolvido por Schumacher (1973), oferece um enquadramento pertinente para compreender o trabalho deste coletivo musical. Ao privilegiar soluções tecnológicas ajustadas à escala humana, socialmente significativas e promotoras de autonomia, Schumacher propõe uma tecnologia ao serviço da comunidade. De forma análoga, o coletivo não instrumentaliza a máquina como mero recurso técnico, mas integra-a como dispositivo relacional e expressivo, reforçando princípios de participação, acessibilidade e inclusão.

O trabalho desenvolvido no coletivo *Ligados às Máquinas* emerge da necessidade de construir contextos de criação musical acessíveis a indivíduos com diferentes perfis funcionais, particularmente ao nível motor e comunicacional. A utilização de tecnologia constituiu-se como elemento mediador central, permitindo ampliar possibilidades de participação e expandir o conceito tradicional de performance musical. Neste sentido, o coletivo configura-se como um espaço onde a criação musical se articula com processos de aprendizagem, expressão e participação, contribuindo para a visibilidade artística dos participantes e para a sua presença em contextos culturais e comunitários.

A prática artística neste coletivo estrutura-se a partir de processos de criação sonora coletiva, onde a experimentação tecnológica, a improvisação e a construção progressiva de repertório assumem um papel fundamental. Mais do que reproduzir modelos musicais pré-existent, o processo privilegia a construção de uma identidade musical própria, valorizando as especificidades expressivas e as preferências sonoras e musicais de cada participante enquanto

contributos artísticos singulares. Nos *Ligados às Máquinas*, a identidade constrói-se na interação contínua entre indivíduo e coletivo: cada elemento afirma a sua singularidade, transforma-se no contacto com os outros e contribui para uma identidade comum. Tal como referem Hargreaves et al. (2002), o “eu” é permanentemente renegociado na experiência social. Essa dinâmica cristaliza-se na criação artística e na performance, onde o grupo se afirma como agente cultural na comunidade.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho assenta numa lógica de mediação artística flexível, centrada na escuta ativa, na adaptação contínua de estratégias e recursos, e na construção de ambientes de criação seguros e estimulantes. A participação é entendida como um processo dinâmico, que pode assumir diferentes níveis e formas de expressão, respeitando os ritmos individuais e promovendo a autonomia criativa.

Os conceitos socio-antropológicos de *melting pot* e *salad bowl* oferecem um enquadramento pertinente para compreender a dinâmica do coletivo *Ligados às Máquinas*. Enquanto o modelo de *melting pot* sugere a fusão de diferenças individuais na criação de um novo produto coletivo (Macduffie, 2020), o modelo de *salad bowl* valoriza a preservação das especificidades identitárias no interior do grupo (Berray, 2019). No contexto deste coletivo, estas duas perspectivas não se apresentam como opostas, mas como complementares. Por um lado, cada participante mobiliza referências sonoro-musicais próprias, mantendo a sua identidade individual e expressiva. Por outro, o processo de criação musical coletiva implica a combinação e articulação dessas singularidades, dando origem a estruturas musicais partilhadas. Deste modo, o coletivo pode ser compreendido como um espaço híbrido, onde a preservação da diferença e a construção de um produto comum coexistem, evidenciando a interdependência entre identidade individual e criação coletiva.

Em articulação com outras experiências de criação musical inclusiva, nomeadamente no coletivo *5ª Punkada*, o trabalho desenvolvido evidencia a importância da existência de múltiplos dispositivos artísticos capazes de responder à diversidade de perfis, interesses e modos de participação dos participantes. Neste sentido, a criação musical mediada pela tecnologia assume-se como um dos possíveis caminhos para a construção de percursos sustentados de participação cultural.

2.2. - 5ª Punkada - Performance, Expressão Coletiva e Participação Cultural

O grupo *5ª Punkada* é um projeto musical inclusivo português, constituído na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, que integra pessoas com e sem deficiência, assumindo-

se como um coletivo artístico orientado para a criação, performance e intervenção cultural. Fundado no início da década de 1990, o grupo desenvolve uma linguagem musical própria, fortemente marcada por uma estética enérgica e performativa, onde a expressão corporal, a presença em palco e a intensidade interpretativa assumem um papel central. Mais do que um projecto artístico, a 5ª *Punkada* afirma-se como um espaço de participação cultural efetiva, no qual a prática musical funciona como meio de afirmação identitária, desenvolvimento de competências e visibilidade social. Através de concertos regulares e da circulação em diferentes contextos culturais, o grupo consolidou-se como referência nacional na articulação entre música, inclusão e cidadania cultural, evidenciando o potencial transformador da criação coletiva e da performance pública. Ao contrário de modelos centrados na adaptação funcional à prática musical, o trabalho desenvolvido com este grupo privilegia a construção de uma identidade artística coletiva forte, assente na presença em palco, na relação com o público e na experiência estética partilhada. Neste contexto, o palco deixa de ser apenas um espaço de apresentação artística, passando a constituir-se como espaço simbólico de reconhecimento social e cultural dos participantes enquanto artistas.

Os processos de criação musical desenvolvem-se a partir de dinâmicas colaborativas, onde a experimentação sonora, a composição coletiva e a construção de repertório original assumem centralidade. A mediação artística procura equilibrar estrutura e liberdade criativa, promovendo contextos de participação onde diferentes níveis de competência musical e performativa podem coexistir e contribuir para o resultado artístico final.

Em articulação com experiências de criação mediadas pela tecnologia, como as desenvolvidas no coletivo *Ligados às Máquinas*, a prática da 5ª *Punkada* evidencia a importância da existência de múltiplos modelos de participação artística inclusiva. Enquanto alguns contextos privilegiam a mediação tecnológica como facilitador de expressão, outros estruturam-se a partir da experiência performativa direta, com a utilização de recursos musicais convencionais, reforçando a ideia de que a inclusão artística se constrói através da diversidade de dispositivos, linguagens e experiências estéticas.

Para além da dimensão artística, o coletivo tem contribuído para a ampliação das oportunidades de participação cultural de pessoas com deficiência, promovendo visibilidade pública⁶, reconhecimento artístico e construção de trajetórias culturais ativas e continuadas.

⁶ - <https://portugal.gov.pt/gc23/comunicacao/noticias/cultura-que-somos-prosseguiu-com-percurso-dedicado-a-cultura-para-a-inclusao>

- <https://acessocultura.org/pac2023-deliberacao/>

3. Da Instituição para o palco - do poder simbólico à transformação individual, coletiva e social.

A relação dos grupos *Ligados às Máquinas* e *5ª Punkada* com a comunidade, mediada pelos espetáculos, evidencia o papel central do palco na construção e afirmação identitárias. Este espaço físico funciona como um dispositivo simbólico de inversão de papéis: os elementos, na sua maioria utilizadores de cadeiras de rodas, experienciam um enaltecimento, facilitado pela alteração da perspetiva visual (sensorial) e pelo reconhecimento de um público (social) das suas capacidades artísticas e performativas, muitas vezes subvalorizadas no quotidiano. A relevância social destes projetos musicais manifesta-se também nas condições de acesso ao palco enquanto plataforma cultural, evidenciando a importância dos princípios de *design* universal nos contextos artísticos. O palco, enquanto espaço físico e simbólico de visibilidade cultural, historicamente apresenta barreiras arquitectónicas, tecnológicas e simbólicas que limitam a participação plena de determinados grupos sociais ⁷. Neste contexto, a adoção de práticas alinhadas com o *design* universal permite transformar o palco num espaço acessível desde a sua conceção, e não apenas através de adaptações posteriores. Esta abordagem promove não só a participação artística efetiva, mas também o reconhecimento social dos participantes enquanto produtores culturais legítimos. Assim, o acesso ao palco deixa de ser apenas uma oportunidade performativa para se afirmar como um direito de participação cultural, contribuindo para processos de inclusão, representatividade e democratização do acesso à criação e fruição artística.

A nível social, a performance - mediada por tecnologia ou recursos musicais convencionais, pela presença física e estética no palco - permite atingir públicos diversos, consolidando os grupos como agentes culturais transformadores e ampliando oportunidades de visibilidade, reconhecimento e empoderamento. A experiência de protagonismo simbólico em contextos de criação artística coletiva contribui para a reconstrução de papéis e identidades, na medida em que a prática musical se configura como um espaço de expressão, pertença e reconhecimento

- <https://www.fnac.pt/A-revolucao-dos-5a-Punkada/cp5360/w-4>

- <https://www.playpremiosdamusicaportuguesa.pt/nomeados-2022-para-colocar/5a-punkada/>

⁷ Em 2022, a nomeação do grupo *5ª Punkada* nos Prémios PLAY- Prémios da Música Portuguesa, para a categoria de melhor videoclipe, levou a RTP a rever as medidas de acessibilidade do evento. O acesso ao palco começou a integrar, a partir desse ano, uma rampa (*design* universal). Esta nomeação foi um marco para a visibilidade de artistas com deficiência num evento de grande escala. Em 2023, o projeto musical *Mãos que Cantam* atuou no mesmo palco e o certame passou a integrar sistematicamente a Língua Gestual Portuguesa e outras medidas de acessibilidade (como a audiodescrição).

social (Hargreaves et al., 2002; Clayton, 2016). Paralelamente, a participação em práticas musicais colaborativas tem sido associada ao reforço de vínculos sociais e à promoção de processos de inclusão e cidadania cultural (Tarr et al., 2014; Žuk, 2020), evidenciando o potencial transformador da prática artística ao nível individual, coletivo e social.

Em síntese, a transição “da instituição para o palco”, observada em ambos os coletivos⁸, articula direitos culturais, inclusão, mediação artística e participação efetiva. Este percurso evidencia como a criação coletiva e a performance não apenas produzem arte, mas reconfiguram relações sociais e culturais, fortalecendo a cidadania cultural e consolidando contextos artísticos mais participativos, plurais e inclusivos.

4. Reflexões Finais: Direitos Culturais, Inclusão e Da Instituição para o Palco

O acesso à cultura é um direito fundamental, consagrado no artigo nº 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (UN, 1948, p.7, p.8) garantindo a todos a possibilidade de criar, participar e usufruir das práticas culturais. Mas este direito vai além da simples disponibilidade: exige participação efetiva, representação e apropriação cultural. Barreiras socioeconómicas, geográficas e institucionais continuam a limitar o acesso equitativo, mostrando a urgência de políticas que promovam inclusão real.

A inclusão cultural é essencial: a cultura deve ser acessível e significativa para diferentes comunidades, respeitando a diversidade de identidades e experiências. Programas educativos, adaptações de conteúdos e participação direta do público são estratégias que tornam a inclusão um motor de transformação social e artística, enriquecendo a própria produção cultural.

A transição “da instituição para o palco” materializa estes princípios. As instituições culturais precisam aproximar-se do público, promovendo interação, co-criação e experimentação. Oficinas, projetos colaborativos e espetáculos participativos tornam a cultura não apenas acessível, mas vivida e partilhada, reforçando direitos culturais e inclusão num ciclo virtuoso de envolvimento e empoderamento. Integrando direitos culturais, inclusão e ação prática, percebe-se que cada dimensão reforça a outra: os direitos culturais oferecem a base ética, a inclusão garante participação efetiva, e a aproximação “da instituição para o palco” transforma teoria em experiências concretas. Apesar de persistirem desafios como desigualdades estruturais e

⁸ *Ligados às Máquinas* - https://www.youtube.com/watch?v=O_Z53w-KOIA

<https://www.youtube.com/watch?v=jAAIGrdoTP8>

5ª Punkada - <https://www.youtube.com/watch?v=LUuZJEnNrc0>

https://www.youtube.com/watch?v=0Rba_C1aR7M

resistências institucionais, estas iniciativas mostram que a cultura pode ser um instrumento de transformação social, capaz de amplificar vozes, criar sentido de pertença e fortalecer a cidadania.

Desta análise emergem recomendações que poderão ser consideradas por outros projetos musicais inclusivos, independentemente da sua configuração estética ou organizacional. Em primeiro lugar, a centralidade da identidade individual enquanto matéria-prima criativa revela-se fundamental para a construção de práticas artísticas significativas e sustentáveis. Em segundo lugar, a adoção de princípios de tecnologia apropriada e de *design* universal demonstra que a acessibilidade não deve constituir um elemento adaptativo posterior, mas antes uma condição estrutural do próprio projeto. Em terceiro lugar, a criação de oportunidades de performance pública, enquanto plataforma de reconhecimento simbólico e social, assume-se como dimensão estruturante do impacto transformador da prática musical. Por fim, evidencia-se a importância de uma mediação pedagógica flexível, centrada na pessoa, que articule competências musicais e não musicais num processo de capacitação contínua. Assim, mais do que modelos fechados, experiências como as dos *Ligados às Máquinas* e da *5ª Punkada* apontam para princípios estruturantes que poderão inspirar outras práticas artísticas comprometidas com a inclusão, a participação cultural e a transformação social.

Em suma, políticas e práticas culturais eficazes devem ir além do acesso formal, promovendo participação ativa, representatividade e envolvimento direto. Ao unir direitos, inclusão e ação prática, a cultura deixa de ser apenas um património a contemplar e passa a ser uma experiência viva e partilhada, fortalecendo comunidades e a sociedade.

Referências Bibliográficas

- Altshuler, I. M. (1944). Four years 'experience with music as a therapeutic agent at Eloise Hospital. *American Journal of Psychiatry*, 100, 792–794.
- Benenzon, R. (1985). *Manual de musicoterapia* (C. Nastari, Trad.). Enelivros.
- Berray, M. (2019). A critical literary review of the melting pot and salad bowl assimilation and integration theories. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, 6(1), 142–151. <https://doi.org/10.29333/ejecs/217>

- BrutPop. (2022). Musique et handicap : Quels instruments ? Les apports du numérique et de l'électronique (Projet Change2Regard – Trousse numérique de création pour tous, Production intellectuelle 2, Erasmus+ KA2). <https://www.change2regard.eu/culture/guide-instrumentarium/musique-handicap-instruments/>
- Chanda, M. L., & Levitin, D. J. (2013). The neurochemistry of music. *Trends in Cognitive Sciences*, 17(4), 179–193. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2013.02.007>
- Clayton, M. (2016). The social and personal functions of music in cross-cultural perspective. In S. Hallam, I. Cross, & M. Thaut (Eds.), *The Oxford handbook of music psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198722946.013.8>
- Cremalheira do Apocalipse. (2025). Quando a deficiência leva a outras formas de tocar música. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/01/27/culturaipilon/reportagem/deficiencia-leva-formas-tocar-musica-2120069>
- Eitan, Z., & Granot, R. (2006). How music moves. *Music Perception*, 23(3), 221–248. <https://doi.org/10.1525/mp.2006.23.3.221>
- Ferreri, L., Mas-Herrero, E., Latorre, R. J., Ripollés, P., Gómez-Andrés, A., Alicart, H., Olivé, G., Marco-Pallarés, J., Antonijóan, R. M., Valle, M., Riba, J., & Rodríguez-Fornells, A. (2019). Dopamine modulates the reward experiences elicited by music. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 116, 3793–3798. <https://doi.org/10.1073/pnas.1811878116>
- Gordon, C. L., Cobb, P. R., & Balasubramaniam, R. (2018). Recruitment of the motor system during music listening: An ALE meta-analysis of MRI data. *PLoS ONE*, 13(11), e0207213. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0207213>
- Hallam, S. (2010). The power of music: Its impact on the intellectual, social and personal development of children and young people. *International Journal of Music Education*, 28, 269–289. <https://doi.org/10.1177/0255761410370658>
- Hargreaves, D. J., Miell, D., & Macdonald, R. (2002). What are musical identities, and why are they important? In R. Macdonald, D. Hargreaves, & D. Miell (Eds.), *Musical identities*. Oxford University Press.
- Juslin, P. N. (2016). Emotional reactions to music. In S. Hallam, I. Cross, & M. Thaut (Eds.), *The Oxford handbook of music psychology* (pp. 197–213). Oxford University Press.

- Lopes, S. V. (2026). *Prática musical inclusiva em Portugal: Mapeamento e estudo*. DGArtes. <https://www.dgartes.gov.pt/sites/default/files/PARTE%20%20-%20ESTUDO.pdf>
- MacDuffie, K. E. (2020). A “salad bowl” approach to neuroethics collaboration. *AJOB Neuroscience*, *11*(3), 201–203. <https://doi.org/10.1080/21507740.2020.1778134>
- Merriam, A. P. (1964). *The anthropology of music*. Northwestern University Press.
- Nguyen, T., Flaten, E., Trainor, L. J., & Novembre, G. (2023). Early social communication through music: State of the art and future perspectives. *Developmental Cognitive Neuroscience*, *63*, 101279. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2023.101279>
- Novakos, I. N. (2025). The role of music in the development and improvement of communication and psychoemotional skills of students with disabilities. *International Journal of Advanced Research*, *13*(8), 1637–1641. <https://doi.org/10.21474/IJAR01/21665>
- Organização das Nações Unidas. (1948). *Declaração universal dos direitos humanos*. <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>
- Reybrouck, M., Vuust, P., & Brattico, E. (2021). Neural correlates of music listening: Does the music matter? *Brain Sciences*, *11*(12), 1553. <https://doi.org/10.3390/brainsci11121553>
- Rodríguez de Gil, G. L. (2000). *Las adaptaciones de instrumentos musicales como ayuda para la musicoterapia en parálisis cerebral*. Universidad de Cádiz. <http://hdl.handle.net/10498/7731>
- Sabbatella, P. L. (2012). Adapting musical experiences for children with cerebral palsy: Dialogues between music therapy and special education. In *Proceedings of the 19th International Seminar of the ISME Commission on Music in Special Education, Music Therapy, and Music Medicine* (pp. 153–164).
- Schumacher, E. F. (1973). *Small is beautiful: Economics as if people mattered*. Harper & Row.
- Simas, I., Carneiro, P., & Simas, T. (2018). *Manual de metodologias I e II OCP*. Fundação Calouste Gulbenkian. <https://gulbenkian.pt/publications/manual-de-metodologias-notas-de-contacto/>
- Snow, D. A., & Corrigall-Brown, C. (2015). Collective identity. In *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Elsevier. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.10403-9>

- Swingler, T. (1998). *“That was me!”: Applications of the Soundbeam MIDI controller as a key to creative communication, learning, independence and joy*. California State University, Northridge Conference on Technology and Persons with Disabilities.
- Tarr, B., Launay, J., & Dunbar, R. I. (2014). Music and social bonding: “Self–other” merging and neurohormonal mechanisms. *Frontiers in Psychology*, 5, 1096. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.01096>
- Teixeira, E., Ariga, M. Y., & Yassuco, R. (2003). Adaptações. In M. C. Oliveira, E. Teixeira, F. N. Sauron, & L. S. B. Santos (Eds.), *Terapia ocupacional na reabilitação física* (pp. 129–174). Roca.
- Thompson, W. F., & Quinto, L. (2012). Music and emotion: Psychological considerations. In E. Schellekens & P. Goldie (Eds.), *The aesthetic mind: Philosophy and psychology*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199691517.003.0022>
- Wright, S., Bégel, V., & Palmer, C. (2022). *Physiological influences of music in perception and action*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781009043359>
- Zatorre, R. J., Chen, J. L., & Penhune, V. B. (2007). When the brain plays music: Auditory–motor interactions in music perception and production. *Nature Reviews Neuroscience*, 8, 547–558.
- Zhou, Z., Zhou, R., Wei, W., Luan, R., & Li, K. (2021). Effects of music-based movement therapy on motor function, balance, gait, mental health, and quality of life for patients with Parkinson’s disease: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Rehabilitation*, 35. <https://doi.org/10.1177/0269215521990526>
- Žuk, M. (2020). People with disabilities in the artistic field. *Wiadomosci Lekarskie*, 73, 1840–1843. <https://doi.org/10.36740/WLek202009106>

Nota curricular

Paulo Jacob é musicoterapeuta e professor de Música, licenciado em P.E.B. (variante de Educ. Musical) e detentor de Especialização Pós-Graduada em Musicoterapia. Exerce funções na Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, onde coordena o Departamento de Música, desenvolvendo intervenção clínica, programas artísticos inclusivos e projetos de inovação com recurso a tecnologias musicais adaptadas. Desempenha funções de Assistente Convidado no Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Educação. Participa regularmente em conferências nacionais e internacionais, centrando a sua atividade na articulação entre Música, Saúde, Tecnologia e Inclusão.